

Nº 10
Volume 03
Abril
2006



Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO

Devoções populares nos cemitérios



Túmulo de Baracho - Cemitério do Bom Pastor - Natal/RN

Labim/UFRN

O Dia de Finados, 2 de novembro, foi instituído pela Igreja católica no final do século X, para atender a uma tendência crescente por parte do povo de rezar a favor dos mortos. Ocorria, naqueles dias, uma multiplicação sem precedentes do número de missas votivas celebradas para mortos particulares a pedido dos familiares. Dia 1º, festeja-se Todos os Santos; no dia seguinte, todos os fiéis defuntos. Desde sua instituição, a homenagem aos mortos privados tem sido mais popular do que a homenagem aos santos oficiais. É no dia 2 que as homenagens aos mortos da família e vizinhança enchem os cemitérios, multiplicam o número de ambulantes em seus portões com uma oferta de produtos funerários que vão desde flores até coroas de papel crepom e velas. Nesse dia, circulam pelo cemitério, além desses produtos típicos, além das pessoas que ali foram homenagear a memória dos finados, também suas estórias, um legendário que atualiza diversos modelos presentes no imaginário popular e práticas culturais, estas também atualizações de cultos não apenas cristãos mas também afro-brasileiros, naquele conhecido sincretismo que

tão bem caracteriza a religiosidade do nosso povo. A observação de tais práticas culturais e das estórias que circulam sobre os mortos, e sobre as formas possíveis de sua interação com os vivos não só nessa data ritual mas no cotidiano, leva à indagação sobre as diferenças entre essas práticas funerárias e os cultos tradicionais aos santos oficiais, pois muitos desses mortos recebem um tratamento bastante semelhante àquele dado aos santos, os considerados intercessores, intermediários com Deus, a quem são feitas promessas e votos e de quem se recebe, em troca, benefícios que são considerados 'milagres'.

Sabe-se que historicamente o culto aos santos cristãos teve origem no tratamento diferenciado dado a alguns mortos, ou melhor, às suas relíquias (seu corpo e qualquer objeto, o traje por exemplo, que tivesse estado em contato com o corpo tornado sagrado). Isto é, tratava-se inicialmente de um culto funerário, que tinha como lugar o túmulo do santo. Nesse tempo, por força de tratar-se necessariamente de um culto local, já que a proximidade com o túmulo era essencial para o

contato com esse tipo de sacralidade, ganharam força as peregrinações aos locais santos. Esse santo local era, por definição, segundo o modelo de santidade em vigor na época, o mártir, aquele que aceitava, e até buscava, o sofrimento em nome da fé, para afirmá-la ou defendê-la.

No final da Idade Média, o martírio deixou de ter importância e passou para segundo plano, em favor das boas obras, da virtude que deveria ser comprovada através de um complexo processo cada vez mais sob controle da Igreja católica, ao contrário do que se passava com as santidades locais, que surgiam de um modo, de certa forma, espontâneo, e que de qualquer forma a Igreja não tinha como controlar. O tráfego de relíquias, inclusive relíquias falsas, chegou a ser muito comum na Europa e praticamente não havia lugarejo que não tivesse seus santos e todo um vasto legendário de proezas em nome da fé. O controle eclesiástico crescente sobre a instituição de novos santos deslocou gradualmente a ênfase no modelo da santidade baseada no martírio para o da santidade baseada na virtude. Já não era suficiente sofrer e morrer em nome da fé, o que na

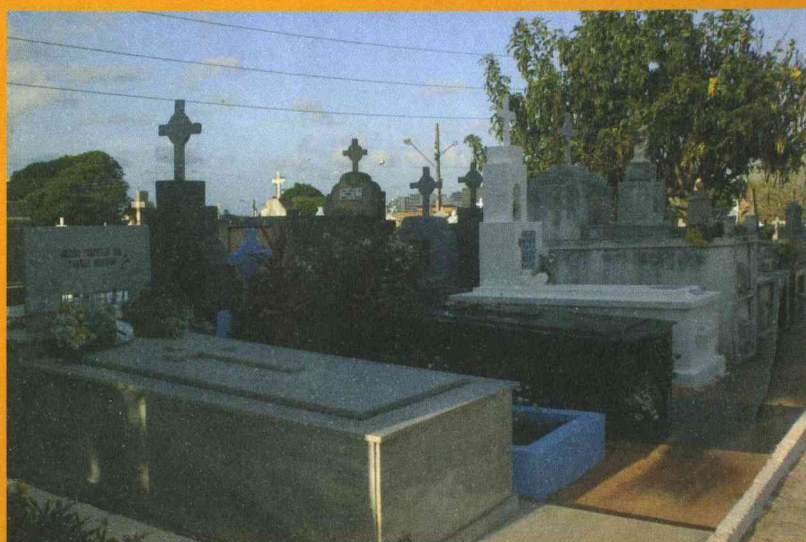
verdade muitas vezes não tinha como ser provado, podendo qualquer morte violenta ser 'lida' dessa forma e assim apropriada pela imaginação popular; agora, o que valia era a vida santa do candidato, uma vida a ser minuciosamente investigada pelos especialistas da Igreja, num processo que ao longo da história tornou-se cada vez mais complexo e demorado. Esse também é o momento em que surgem as imagens dos santos, agora

passíveis de serem cultuados no seio de cada lar. Já não era necessário o deslocamento até o túmulo, uma vez que o santo, representado por sua imagem, poderia estar em qualquer altar doméstico. O culto às imagens colabora para uma difusão sem precedentes do culto aos santos, esses



Túmulo do cangaceiro Jararaca - Cemitério de São Sebastião - Mossoró/RN

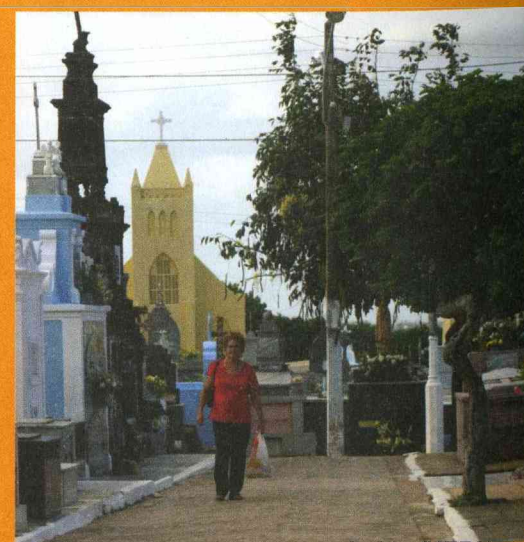
Foto de Auciosta



Cemitério do Alecrim



Cruz da Cabocla Felipe Camarão - Natal/RN



Cemitério do Alecrim

Labim/UFRN

seres sagrados que já agora não surgem mais com a mesma facilidade de antes, ao sabor das tragédias locais e imaginação popular, embora continue povoando-a intensamente.

Hoje vemos nos cemitérios, bom lembrar que não apenas no Brasil ou

América Latina, mas em todo o mundo onde os cultos cristãos têm presença, o culto funerário aos mortos deslizar sem maiores alardes para o culto aos santos, com a predominância do modelo do martírio, profundamente enraizado na imaginação e memória popular da cristandade. O sofrimento público, a morte trágica, continua tendo forte impacto sobre as pessoas e exige uma resposta, uma elaboração que só pode ser realizada coletivamente, pelo meio

habitual de que os seres humanos se utilizam para isso: os rituais. Estes, mais as estórias que passam de boca a ouvidos e são de novo recontadas na tradição oral, permitem que fatos de difícil aceitação social como a morte de alguém muito jovem por motivo de doença ou acidente ou um homicídio sejam inseridos em um quadro de inteligibilidade, adquiram um sentido e até uma rentabilidade sociológica. A vítima da desgraça é eleita para um papel póstumo que a re-situa socialmente, dá-lhe um relevo, uma importância toda nova.

Pouco importa que tenham sido virtuosos ou não em vida; pouco importa o motivo da morte trágica, precoce, violenta, considerada injusta. São todos assimilados a um padrão e chamados a um novo papel. Mais íntimos do que os santos oficiais, esses mortos têm devotos fiéis, alguns presos a um voto que os leva a visitar seu túmulo todos os anos em Finados e, às vezes também, aniversário de morte. Seus poderes de intercessão são contados e cantados em verso e prosa na beira do túmulo e nas conversas familiares. Muitos dizem ter-se curado de câncer, conseguido emprego, soluções para problemas matrimoniais,

vitória do time de futebol, todo tipo de benefício. Outros referem-se a eles como "gente como a gente", acentuando, ao lado dos seus poderes como "santos", seus pecados humanos, o que os aproxima e parece torná-los tão singulares para esses devotos. Não que a relação com os santos oficiais seja muito diferente: de uma forma geral, é justamente a intimidade que caracteriza essa relação. Quem nunca ouviu falar de um santo Antoninho posto de cabeça para baixo pela moça que quer arranjar marido? No entanto, é como se o santo do cemitério fosse mesmo mais igual, mais de casa; como se pelo fato de não contar com sanção oficial ao invés de desautorizá-lo o tornasse um santo particular, artesanal, feito à mão, no qual é possível projetar toda a sua própria aspiração de santidade (no sentido de salvação) a despeito das imperfeições e pecados.

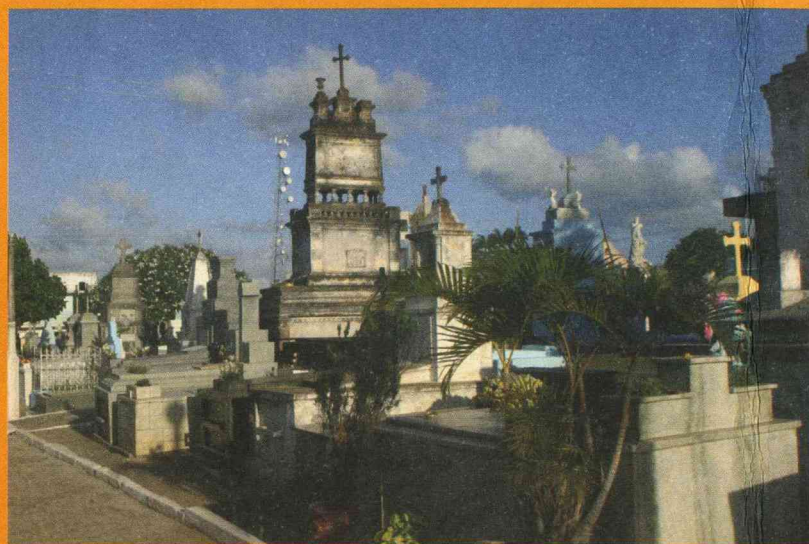
Isso explicaria os dois casos de certo modo extremos que venho investigando: dois homens tidos como criminosos em vida, com diferentes perfis, João Baracho, sepultado no cemitério do Bom Pastor, Natal, e José Leite de Santana, o cangaceiro Jararaca, sepultado no cemitério público de Mossoró. Ambos recebem

um número incomum de visitas e oferendas, como preces e velas, no Dia de Finados, de modo que chega a chamar a atenção dos visitantes do cemitério que lá estão para homenagear seus mortos familiares. Não é raro que as pessoas se aproximem atraídas pela aglomeração em torno de seus túmulos e que, a partir daí, passem a incluí-los nas visitas dos anos seguintes no Dia de Finados.

Alguns fazem uma verdadeira romaria dentro do cemitério, não se limitando apenas à visita aos seus próprios parentes. Para esses, o Dia de Finados é ocasião de se colocar em dia com os intercessores aos quais costumam recorrer durante todo o ano, seja indo ao cemitério para rezar ao pé do túmulo, seja rezando em casa, diante de uma vela, de uma imagem que os representa (existem



Túmulo do Padre João Maria - Natal/RN



Cemitério do Alecrim



Cemitério do Bom Pastor

Gabite

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDACÃO HELIO GALVÃO

Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Consultoria
Luiz Assunção

Colaborador
Eliane Tânia de Freitas
Profª do Deptº de Antropologia-UFRN

Revisão
Fernando Cardoso

Programação visual
Jussié Costa



algumas para Jararaca e Baracho, oriundas de notícias de jornais da época de sua morte e gravuras em folhetos de cordel) ou apenas por meio da evocação do intercessor.

É interessante observar que nos dois casos, ambos morreram de maneira violenta e pública, que foi objeto de controvérsias já na época, suscitando reações populares variáveis e noticiários nos jornais e programas de rádio.

Um traço comum prevaleceu nesses dois casos locais, como em todos os outros similares que se pode encontrar na bibliografia sobre o assunto mundo afora: o povo fez o que pôde para resgatá-los da suposta danação associada a suas vidas nada virtuosas, para, com suas preces, conseguir sua salvação com o apelo à idéia de que teriam se arrependido antes de morrer. O arrependimento, por mais tardio, torna possível, dentro desse modelo cristão, a salvação do mais terrível pecador. O sofrimento visto como intenso, de certo modo excessivo, que teria precedido sua morte trágica (ambos teriam sido, segundo a versão defendida pela maioria dos devotos entrevistados, executados pela polícia ao invés de, como dizem, terem sido presos e julgados pela Justiça, o que teria sido o procedimento correto), conformaria um ambiente

propício ao arrependimento, visto nesse caso como inevitável, inescapável. Todos apostam suas fichas nesse arrependimento e, por conseguinte, no perdão divino, quando questionados sobre "como alguém que fez tanta maldade quando era vivo pode fazer o bem depois de morto?"

Essa pergunta é freqüente no ambiente do culto no cemitério. Não há clima para unanimidades. As controvérsias existem e estão presentes no próprio espaço ritual, no auge do

a religiosidade e de fazer dela um idioma para falar de outras coisas. Ao tentar definir, na discussão, os limites do possível e do impossível, as fronteiras entre o Bem e o Mal, entre os bons e os maus, muito mais é dito, ainda que de modo não intencional. A insistência em não permitir que personagens que em vida foram marginais sociais caiam no esquecimento, em elaborar uma outra 'interpretação' para suas mortes e a invenção de um destino póstumo mais que digno, especial, segundo a

quanto elas, e até consideradas "piores" do ponto de vista social e moral, pessoas póstumas especiais, intercessores com Deus, por obra e graça de seu próprio trabalho ritual. O ritual transforma o comum em algo digno de respeito, em algo sagrado. Mesmo quem não acredita nos seus milagres, ou que se trate de seres benéficos, não deixa daí em diante de reconhecer-lhes certo grau de sacralidade, certa eficiência simbólica, certo poder.

Este não é um dom

no caso desses ex-vivos que erraram tanto, a provável danação sem recurso, já que o arrependimento prévio à morte prepara o terreno mas é somente parte do processo, a ser completado pelas orações dos vivos, postumamente. Significa também que, se as tragédias são fatos consumados jogados na cara pelas manchetes dos jornais, o povo não precisa aceitar a versão oficial. É sempre possível assimilá-las a algum modelo tradicional, como o da santidade pelo martírio, e reelaborá-las. É sempre possível transformar, pelo ritual, o vivo marginal social morto pelas mãos de uma polícia vista muitas vezes como tão opressora e ameaçadora para os pobres em geral quanto os bandidos, em morto-a-não-ser-esquecido, mártir de um novo tipo numa sociedade onde os pobres geralmente só recebem, quando muito, a lembrança dos parentes mais chegados. Não há de ser casual que nos dois casos examinados mais de perto, Baracho e Jararaca nem isso tinham: trata-se de indivíduos sem família no local onde morreram, vistos como desgarrados, destinados a princípio ao abandono e ao esquecimento. É sempre possível, com uma simples vela e uma prece, transformar até um bandido em um santo e resgatar a memória (sempre inventada, como toda memória) de acontecimentos que, por várias possíveis razões, mereceram um lugar de destaque no coração e na memória popular.



Monsenhor Vicente - cemitério público de Lajes/RN

Foto: Lucia Barbosa

culto funerário que é o Dia de Finados. Lá estão, por exemplo, os protestantes de diversas filiações religiosas para contestá-lo abertamente, ao deparar com as demonstrações de devoção por parte dos que cercam o túmulo de Baracho, enquanto outros apenas balançam a cabeça e afirmam que "para Deus nada é impossível". Essas discussões muito ensinam sobre as diferentes formas de viver

gramática cristã seguida mesmo pelos que se dizem adeptos de outras religiões, não deixa de ser, para nós, que observamos de perto essas práticas e escutamos com atenção o que dizem seus praticantes, devotos ou visitantes eventuais, muito significativas. Significam, dentre muitas outras possibilidades, que as pessoas ditas comuns sabem que podem fazer de outras pessoas tão comuns

intrínseco, e o interessante é que não seja visto como tal pelos devotos; ele é construído nessa interação buscada e alimentada pelos vivos. Se não receber preces, o morto será um como outro qualquer. Se for esquecido, toda a sua eficiência cai por terra. O santo só é santo se tem devoto, é o devoto que o faz e sustenta na devoção. O esquecimento é que seria a verdadeira morte e,

ALGUMAS DEVOÇÕES POPULARES NO RN

Padre João Maria (Natal), Cruz da Cabocla (Bairro de Felipe Camarão - Natal), Meninas das covinhas (Rodolfo Fernandes), Zé Leão (Florânia), Menino José - Serra do Feiticeiro (Lajes)